

TOLICÉIA
HISTÓRIAS SEM FIM

LUCIANO ZAJDSZNAJDER

Texto estabelecido

por

Luiza Lobo

VOLUME 3

PROSA

Obras completas:

Poesia, Teatro, Prosa

RIO DE JANEIRO

LITCULTNET

2013

TOLICÉIA

HISTÓRIAS SEM FIM¹

LUCIANO ZAJDSZNAJDER

O ENTORPECIMENTO PROGRESSIVO

Ainda sem ter tempo, faço um primeiro esforço, uma primeira tentativa de ser justo com todos os que esperavam de mim uma fuga primorosa.

Aprendi algumas lições de como lidar com a esperança, alimentando-a com pequenos dissabores.

Na outra margem da baía, onde o sol, indiscutivelmente nasce, estão buscando os erros mais disfarçáveis.

Um pouco antes de desmaiar, credores de todos os tipos me apossavam. O mais violento foi o pai de minha mulher, que queria de volta os gastos com o casamento.

Devia fugir das aflições, mas é muito difícil delas escapar. Sei que poderia levar uma vida de alegrias se abrisse mão de uma parte de minha dignidade. Precisaria pedir perdão a todos a quem justamente ofendi. Precisaria dizer a todos a quem revelei a sua dura verdade que estava mesmo enganado.

1. Os desvios da sonolência

Um senhor que é capaz de matar e perdoar com o mesmo gesto delicado e indiferente. Um senhor que reside no fundo do mar e que nunca viu sequer os reflexos do sol. Entre as águas muito geladas, ensina como errar entre rochedos e crateras e prende em seus braços peixes de grande volume.

Fugir das armadilhas e dos arpões, fugir das redes e dos barcos de pesca, das bombas e de uma isca imaginária. O senhor do fundo do mar ensina a fugir e, com uma certa coragem, não evita imprudências.

¹ Este texto é uma variante ou continuação de *Medições (Toliceia)*, ambos livros de aforismos. Nota da Editora.

Entre este senhor e seus aliados arma-se um conflito que demora a se irromper, e depois a concluir-se. A guerra submarina promete estremecer as ondas e devolver, ao final, um tipo de mar sereno.

2. A redundância do primor

Sei que o meu amado patrão não está mais por aqui nem, provavelmente, voltará. Está preso na Argentina, onde matou sua mulher e seus filhos. Quem o conheceu não pode imaginá-lo com um martelo na mão, a matar os seus entes queridos. Não sei dos detalhes e parece uma história que, de vez em quando, nos desperta para uma realidade impossível.

Este patrão foi o primeiro homem a me comandar, a quem obedeci com alegria e vontade. Tinha uma forma de comandar, não sei bem de onde vinha, e que era capaz de despertar em todos nós – éramos trinta empregados – uma vontade de servir, de fazer qualquer uma de suas vontades. Sei que, em casa, era a mesma coisa. Sua mulher adorava atendê-lo e os filhos brigavam para ver quem iria lhe trazer as coisas, o chinelo, os jornais, o copo de uísque.

Contam que na Argentina – nem sei se é verdade – ele encontrou alguns seres humanos que não estavam dispostos a obedecê-lo a seu primeiro chamado. Mas, afinal, por que resolveu mudar-se para lá? O que lhe traria de ganho vender seus doze açougues no Rio e mudar-se para Buenos Aires? Ninguém entendeu.

Dizem, também, que ele foi endoidando com uma amante portenha. Era uma jovem de dezoito anos – isto é, menos trinta e dois do que ele – que, às vezes lhe fazia as vontades, mas nem sempre. E ele ficava profundamente perturbado ao não saber se, neste ou naquele dia seria atendido. Dizem mais, que ela fez com que ele aceitasse, que participasse de tudo, com um antigo namorado. Mas será possível – pergunto eu – que estão falando da mesma pessoa que conheci?

Tenho ouvido muitas explicações. Nenhuma delas me convenceu. Uns dizem que foi o clima diferente que lhe afetou o cérebro. Outros – não sei onde acharam esta ideia – que ele tinha sangue argentino: o seu verdadeiro pai era de Buenos Aires, um amante de sua mãe.

Estou para escrever-lhe, oferecendo-me para tomar conta de seus açougues. Acho que ficará feliz, porque deve estar saudoso de gente obediente. Sei que deve haver gente assim lá na Argentina. Mas não deve haver ninguém como eu, ou como o povo que o serviu por tanto tempo. Descobrimos as ordens pela intuição, e quando são ditas já estamos no meio do serviço.

3. Descrença nos martírios

Meu vizinho é um santo. Todos já comentam isto há muito tempo, mas como mal tenho tempo para conversas, só soube mesmo anteontem. Só soube, explico, que há comentários a respeito. Mas já sei que ele é um santo, desde quando se mudou para cá, há mais ou menos oito anos.

Descobri sua santidade por acaso, e não posso dizer que bastou olhar. Vi como cuidava do jardim, como falava às crianças, como tratava sua mãe. Senti de longe – nisto tenho eu um faro insuperável – como ele atribui tudo de bom a Deus. Mesmo santo, fizera um bom número de filhos que o idolatram. Menos um, que realmente o detesta e vive tentando provar a todos que o pai é uma pessoa comum e até com mais traços de maldade bem evidentes.

Já discuti com o filho um sem-número de vezes. Ele tem quinze anos e consegue estar frequentemente meio embriagado. Diz que bebe das garrafas que o pai esconde. Diz que o pai tem amantes, envolve-se com negócios não muito honestos. Eu peço provas e o filho, apenas, diz que o tempo apresentará as provas.

Gostaria muito que o rapaz estivesse certo. Isto tiraria de mim uma carga insuportável.

Antes que o vizinho chegasse ao nosso prédio, eu pensava que iria, a qualquer momento, abocanhar a santidade. Realmente abocanhar é o termo certo. Eu a tomaria com os meus dentes e, para isto, já me entregava aos mais árduos exercícios desde a infância, pois tivera esta ideia já aos quatro anos. E é preciso que se diga, apenas para esclarecimento, que a ideia não me foi inculcada por uma religião: meus pais eram livre pensadores que não me inculcaram nenhuma crença. Acho que desde menino tinha eu o espírito de negação e dentro de um lar ateu crescia uma alma santa.

A santidade que se busca nada é diante da santidade que é dada de graça, sem esforço nem expectativa. Assim fora com meu vizinho, de que me aproximei bem intimamente, tão logo descobri sua santidade. A princípio, ficava a seu lado, com vontade de aprender, feliz por estar diante de um santo, o que eu jamais tinha visto. Depois – posso chamar isto de tragédia? – fui tomado de uma raiva e inveja. Vi que a santidade não era para mim. O meu programa de vida de quarenta anos foi inteiramente destruído. Anos de reza, de restrições, de padecimentos, de jejuns, de auto-mortificações. O que ganhei com isto? Apenas feridas no corpo e uma sensação de fracasso absolutamente violento.

A pergunta que me faço já há algum tempo: em que direção ir? Tentar uma vida normal – com mulher e filhos? Isto é impossível, porque à custa de tantas restrições vi-me reduzido a uma impotência que já tentei tratar das mais variadas maneiras, sem qualquer sucesso.

4. Perfurações assinaladas

Ela andava na direção do seu apartamento, carregando duas sacolas de supermercado. Iria chegar em casa, mudar de roupa e sair. Há mais de cinco dias, era só casa e trabalho, e não aguentava mais. Em casa, seus dois velhos pais deveriam estar assistindo tevê, esperando os refrigerantes, frutas e o milho da pipoca.

Tinha aparecido um pequeno caroço no seio e ela estava com muito medo. Na editora onde trabalhava, revendo textos, falava-se que haveria mudanças e, talvez, demissões. Um novo programa de computador permitira reduzir o número de revisores e de editores. Sentiu que a vida estava ficando difícil, como se estivesse a sofrer uma espécie de estrangulamento.

Pusera um anúncio no jornal, procurando um companheiro. Ninguém acreditaria. Todos achavam que ela era bonita e interessante. Por que precisaria disso? Ela queria alguém que viesse pela sorte. Não contara a ninguém sobre o anúncio. Já tinha posto um outro, há dois meses, mas não houve nenhuma carta realmente interessante.

A calçada era bem larga, mas, a cada dez metros, havia um monte de sacos de lixo que lá estavam há mais de dez dias, devido à greve dos lixeiros. Ela tentava prender a respiração e, ao fazê-lo, sentiu uma dor na coluna, que costumava aparecer antes da

menstruação. Quando vinha a dor, não vinha o nervosismo todo; quando vinha o nervosismo, não vinha a dor.

A dor na coluna ficou tão intensa que ela resolveu parar, colocar as sacolas no chão e respirar fundo. Mas quanto mais respirava, maior era a dor. Tentou conter-se, mas não conseguiu e começou a chorar.

Pediu ajuda. Ela já fizera isto algumas vezes e sempre dera certo. Uma vez, quando o seu carro enguiçara dentro do túnel. Outra, quando foi cercada por três garotos, que queriam dinheiro e, talvez, currá-la. Nas duas situações, apareceu socorro.

Esta ideia de ajuda lhe pareceu ridícula. Conseguiu parar de chorar, pegou as sacolas e continuou andando. A dor tornou-se suportável.

Passou em frente ao bar e, como sempre, os rapazes olharam para ela, ou melhor, para o seu traseiro. Às vezes, isto a incomodava, mas quase sempre lhe era indiferente. Quando chegou ao seu prédio, ia pedir ao porteiro para ajudá-la, mas não quis fazê-lo.

Quando estava abrindo a porta, ouviu vozes discutindo. Da porta, viu que o seu marido estava de pé diante dos seus pais, que não tiravam o rosto da televisão. Ele falava, quase gritando.

– Não vim aqui para pegar minhas coisas, nem para implorar que Cristina volte para mim. Vim porque quero ser ouvido, porque nunca fui ouvido.

Ela nem prestou atenção direito, porque já estava acostumada. O seu marido vinha reclamar. A princípio gritava muito e logo, como ninguém prestava atenção, baixava a cabeça e ficava em silêncio. Dali a pouco, sentava-se e ficava a ver televisão com os pais dela. Beberia refrigerante com pipoca. Depois iria até o pequeno bar de madeira, pegaria um uísque. Iria até a geladeira para pegar gelo. Ficaria mais um pouco. Depois, beijaria a todos e iria embora.

5. Um suplício aceitável

Na semana em que ele voltou do hospital, recebeu um monte de telegramas em branco. Um disquete de computador também lhe foi enviado. Havia uma frase repetida milhares de vezes:

– Algum dia, você pagará.

No hospital, tiraram-lhe duas balas – uma da perna e outra do ombro. Conseguiram salvar-lhe o olho direito, mas o esquerdo talvez venha a ter problemas para sempre. No começo, deram-lhe muita atenção, porque a guerra das gangues era um assunto muito vivo. Depois, quando o governador também se internou, devido às facadas recebidas da amante, a atenção quase apagou-se. O engraçado era que a amante do governador tinha sido sua namorada anos atrás, por muito pouco tempo, é verdade. Era uma mulher extremamente agressiva e ele tivera a intuição de que ela acabaria, algum dia, com alguém.

O mais curioso é que não foi possível abafar o caso, porque as facadas foram dadas em lugar público e a mulher tinha enviado aos jornais bilhetes escritos pelo governador.

Ele fora o líder do grupo da rua, que comandava guerras contra outros grupos. Um dia mudou: converteu-se e passou a ser uma pessoa de Jesus.

Tentava entender o que era ser uma pessoa de Jesus. É verdade que o pessoal da comunidade lhe explicava tudo, mas isso não a satisfazia.

Uma pessoa de Jesus tem no peito uma espécie de labareda que frequentemente espalha-se pelo corpo todo e traz luz a tudo o que se faz e tudo o que se quer. Ter Jesus dentro de si impede que os erros comumente cometidos pelos seres humanos deixem de ocorrer e, em seu lugar, sempre o ato certo, a palavra acertada e o olhar na direção correta.

Estas são as explicações que sempre lhe davam e o que não o satisfazia. Tinha Jesus em seu peito e o único resultado é que perdera a vontade de esfaquear os inimigos. Não lhe viera doçura; apenas maior prudência e tornara-se até mais cínico.

Mais algum tempo e o cinismo foi-se reduzindo até não existir mais. Conseguiu um emprego de entregador de pizza, o que era melhor do que pensava, pois lhe dava muito dinheiro de gorjeta. Gostava de entregar pizza e as pessoas sempre lhe davam um sorriso e mesmo algumas nem o deixavam ir, prolongando a conversa. Tentou entender o que era isto e chegou à conclusão de que começava a instalar-se nele um sentido de santidade.

6. Signos execrados

Quantas vezes fomos apresentados, interna dama, e não me cumprimenta quando nos encontramos? Que tal saber que está prestes a ser considerada uma importante fonte de transmissão de doenças antigas que já dizimaram parte da humanidade?

* * *

– Nunca estiveram tão próximas do perdão?

As duas moças ouviram essa pergunta do professor de educação física e tentaram responder.

– Existe o esforço vão para quem fica saltando no mesmo lugar por mais de meia hora?

– O suor – disseram elas, como se fosse uma resposta – é uma benção; talvez, a única de que ainda temos notícia.

Depois começaram a rir, até ficarem completamente sem ar.

* * *

Vingou-se de todos os inimigos, urinando na cama de hóspedes e, quando acordou, pela manhã, sentiu frio, mesmo enrolado no cobertor. Quando lhe trouxeram café na cama, o cheiro de urina já tomara o quarto, e ele sorria.

7. Sentimentos desonestos

De novo Manfredo pede que lhe enviem algum dinheiro, porque está desempregado e já foi preso duas vezes como desocupado. Depois de tanto sucesso como vendedor de restos de papel, líder sindical e mesmo participante de *talk show*, tudo deixou de dar certo.

Em parte, mas só em parte, foi por causa das drogas. Na verdade, uma droga só: um remédio para psicose leve que ele tomou por mais de dois anos, com os melhores efeitos. Mas nos últimos dois meses, passou a fazer um efeito exatamente reverso. Foi ao mesmo médico que o vinha tratando há muito tempo e de nada adiantou. Tomou outros remédios, que não fizeram grande efeito. Finalmente, o médico tentou um novo

medicamento e o efeito foi absolutamente desastroso. Manfredo começou a sentir pavores enormes e uma solidão absoluta. Estava muito pior do que dois anos atrás, quando iniciara o tratamento.

Manfredo começou a tomar o remédio meio por acaso. Era quase um mendigo. Tinha trabalhado como vendedor de livros e de gravatas dos vinte aos trinta e cinco anos. Neste período tinha casado, tido dois filhos e enviuvado. Não conseguia ser um pai muito bom e muito menos um bom marido. Vivia quase sempre angustiado. Nem a bebida lhe fazia bem, porque dava enjoos e frequentemente uma grande diarreia.

Quando a mulher morreu de eclâmpsia, ele viu que não cuidaria direito das crianças, com quem não se dava também muito bem. Levou-as para a casa da mãe da mulher, que ficou muito contente em tê-las consigo. E Manfredo pensou que a sua vida melhoraria. Não aconteceu. As angústias aumentaram. Encontrou dificuldade nas vendas e, quando foi procurar um outro tipo de emprego, não conseguiu nada. Teve de abandonar o apartamento, e daí a pouco estava vivendo na rua.

A nova vida foi lhe fazendo mais mal e, menos de um ano depois, não era diferente de qualquer mendigo de rua. Às vezes comia e dormia com eles, mas, em geral, não os suportava. Acabava sempre sozinho e até, um dia, levou uma surra de um grupo deles.

Numa madrugada foi recolhido com outros mendigos por uma entidade municipal. Cortaram-lhe o cabelo, deram-lhe sabonete e toalha para um banho, alimentaram-no e abrigaram-no por cinco dias. Foi nesta ocasião, que conheceu o Doutor Tenório, o médico que o ouviu e deu-lhe o remédio para a cabeça. Em dois meses, tornou-se outra pessoa, sentindo-se como nunca em sua vida. Meteu-se no negócio de papel usado e teve sucesso. Foi morar em um conjunto habitacional na Pavuna e acabou liderando o movimento por lá. E acabou tornando-se um frequente participante de um *talk show*. Estava disposto a encontrar uma nova mulher, quando os sentimentos antigos voltaram com uma força total. Em dois meses estava de novo na rua.

8. Tarifas do amor

Novas remessas de dor costumam chegar antes do tempo. Suportá-las como convém é um movimento sinuoso, que começa com um cumprimento humilhado e prossegue com canções esquecidas e tão antigas.

Uma virtude antiga que raramente encontramos hoje: imolar-se por qualquer dívida não paga ou entregar-se a um monarca monstruoso.

Um amor durável não pode ser encontrado em um época em que sempre estamos muito ocupados com o que iremos deixar como vestígio.

9. Percepções amortecidas

O filho mais velho de Manfredo tem onze anos e seu nome é Giuliano. Vive com a avó em um pequeno apartamento do Estácio. Frequenta uma escola pública e morre de medo.

Sabe que o pai tornara-se um mendigo e depois uma pessoa conhecida. Vive aterrorizado exatamente pelos altos e baixos da vida. Na escola, já o convidaram para participar de uma entrega de drogas e ele disse não. Ficara muito tentado, mas tinha uma consciência quase adulta dos riscos.

A avó de Giuliano vive de uma pensão do marido, que foi sargento da Marinha, e completa com o dinheiro que ganha ajudando a dirigir uma pensão na rua do Bispo. Não tem condições de dar nada aos netos, além de casa, roupa, comida e material de escola. A única diversão é uma televisão. Giuliano quer um videogame e sabe que não pode ter.

Só que Giuliano não sabe que tem pela frente um destino irregular. Todas as manhãs, logo após acordar, vai para a área da cozinha, que costuma estar vazia, e começa a cantar. É um canto indígena, isto ele sabe. Só que é cantado em português mesmo e diz que está esperando os deuses para lhe dar a força para matar os inimigos e comer a sua carne.

Quando passa pelos açougues, sente que a carne crua e sangrenta mexe com sua cabeça. Pensa em beber sangue e até acha esta ideia engraçada, mas não é capaz de fazê-lo.

Giuliano acredita em seu futuro, quando atravessar esta fase enorme de medo. Até quando irá durar? Nada sabe: talvez, até a vida adulta. Há uma espécie de sabedoria em sua capacidade de esperar. No entanto, sente sempre medo. Sabe ou pensa que os deuses não resolverão nada, que não virão até a terra para ajudá-lo e que é uma coisa que apenas lhe cabe.

Inventa e sabe que inventa que sua mãe foi uma índia. Tem uma fotografia dela – era uma branca de cabelos castanhos claros, obviamente com sangue português. Mas Giuliano sabe e não sabe disto; tem certeza que descende de índios e que sua força se tornará total quando entrar em contato com eles.

Sabe que existe um museu do Índio, mas recusa-se a ir até lá, porque não são esses os seus índios. Viveram há muito tempo na Amazônia e também na Patagônia, e, perseguidos pelos brancos, sumiram completamente. Nem foram para o interior da terra, nem para um recanto inacessível. Entraram todos no estado de morte incompleta e desapareceram.

Todas as manhãs, Giuliano treina o estado de morte incompleta. Onde descobriu isso? Foi em um sonho, em que sua mãe, nua e com o corpo inteiramente pintado, lhe apareceu e deu o ensinamento. Giuliano sente uma enorme atração por esta índia e não sabe como ajustar isto com o fato de que é a sua mãe.

A sua maior hora de medo é quando volta da escola. Não é o medo de que lhe roubem o tênis ou o relógio. É uma ideia muito forte que sempre lhe ocorre. Ou enfrenta os meninos que vêm roubá-lo e pode matá-los – o que faria com que sua carreira começasse antes do tempo, ou se deixaria abater por eles – o que cortaria definitivamente a sua carreira. Por esta razão prefere não encontrar absolutamente ninguém. Até quando?

Giuliano tem também muito medo de encontrar o pai na rua, quando está voltando da escola com os colegas. Tem medo da vergonha que talvez não poderá suportar. A sua vontade é que o pai morra.

Sabe exatamente quem é Manfredo, seu pai. Isto lhe foi revelado em um dos cantos matinais. O pai é uma mistura do gigante Antal e do anão Tan. Por isso, sua vida tem altos e baixos. Por que tivera um pai como este, Giuliano não consegue saber. Faz as perguntas devidas, mas não obtém qualquer resposta.

10. Linguagens rompidas

A robustez da dúvida torna pesados os cumprimentos, dominados pela vontade de reconhecimento e tendo, no pé, uma espécie de paralisia inata.

Quanto custa ficar calado? Quanto custa virar as costas? Quanto custa dormir sem parar? Quanto custa desmentir-se a cada passo? Quanto custa regressar ao ponto de partida? Quanto custa não saber o preço direito de nada? Quanto custa entregar-se de mãos atadas ao primeiro que fala, aparentemente, a verdade?

Antes de retornar à própria casa, depois de um longo abandono, é importante ver se ninguém ocupou o seu lugar, de filho ou filha, de marido ou esposa, ou, então, de bode expiatório. Quem gosta de surpresas deve tratar de sumir sem avisar e voltar algum tempo depois sem anunciar-se.

Lutar contra a rebeldia dentro de si, aprendendo a dizer sim a todas as ordens. Olhar para as outras pessoas sorrindo, como se fossem os donos, os senhores de nossa vida. Assim, dizia um amigo já falecido, assim alguma paz será obtida. Mas quem hoje em dia acha-se em busca da paz?

11. Conclusões sem fim

A mulher de Manfredo, hoje morta. Os sintomas que nele surgiram no mesmo dia do enterro pareciam muito graves. Na pele, uma vermelhidão que parecia uma ferida dos pés ao pescoço. Na garganta uma irritação que o levava a tossir o dia inteiro. Os olhos injetados de sangue. E, apesar de tudo isso, ele se sentia alegre, reconfortado. A mulher morrera de tanto sofrimento, o que era uma benção. Os filhos estavam criados, mesmo que a filha andasse com gente envolvida com tráfico de drogas e outros crimes. Manfredo nem se dava conta de que também estava próximo de uma condição muito grave.

Os parentes pensaram que era total insensatez planejar visitar o Vaticano, ir falar com o papa e depois fazer uma peregrinação à Terra santa.

12. Arfamos juntos

A sogra de Manfredo costuma invadir a casa do genro, no meio da noite, usando uma chave que lhe tinham emprestado e que nunca devolveu. Isto acontecia quando se sentia muito solitária em sua cama, pois o marido tinha morrido há dois meses e os dois eram muito colados. Ela chegava e ligava a televisão bem baixinho e depois, deixando-a sem som, ficava na sala, na parte escura.

Chorava um pouquinho e depois ficava deitada no chão, querendo ouvir o que estava ocorrendo no quarto da filha.

Manfredo e sua mulher brigavam quase toda noite. Era uma briga leve, em torno de bobagens. Pegavam no sono amuados, mas logo se abraçavam e ficavam juntos toda a noite. Os dois costumavam ter pesadelos, acordando durante a noite, aterrorizados. Manfredo costumava sonhar com um peixe gigantesco que o perseguia pelo mar. Sua mulher, que se chamava Ansônia, tinha, costumeiramente, um sonho em que as pessoas só tinham um pedaço do corpo.

Já duas vezes, o genro a encontrou pela manhã, dormindo no chão da sala e teve vontade de expulsá-la a pontapés, não o fazendo porque temia um filho dela, que era lutador profissional e tinha, pela mãe, uma adoração aparentemente infinita.

Manfredo pedia à sogra para não fazer mais estas invasões. Não adiantava. Um dia mudou o segredo da fechadura, mas algumas semanas depois, a sogra deve ter conseguido uma cópia, pois apareceu e foi encontrada, desta vez, dormindo com a cara na mesa da cozinha diante de um prato de feijão com arroz.

13. Quase sempre invisíveis

A filha de Manfredo, Carol, não Carolina, Carol mesmo, tem oito anos e teme ter filhos e tornar-se mulher. A morte da mãe, no parto, trouxe-lhe uma dor persistente em um lugar que pensa ser o seu ovário. Sonha com não crescer, mas sabe que não poderá ser menina eternamente. Quando suas amigas de rua pintam-se e vestem-se de mulher, ela acompanha, mas sem qualquer convicção.

A avó leva-a consigo, toda vez que vai ao centro espírita, isto é, às terças e sextas. No começo, tinha curiosidade, mas depois começou a achar enjoado. Não acreditava que a mãe e o avô falavam pela boca de Dona Benedita.

Carol sentia que era um erro uma criança saber mais do que gente mais velha. Ficava olhando para a avó, com sua atitude crente e respeitosa. Algo que realmente a ajudava a manter um bom estado de espírito, porque sempre voltava satisfeita e confiante, depois de ter falado com os espíritos da filha e do marido.

Escondia em casa uma bíblia que ganhara na escola. Era um livro de capa mole com muitas ilustrações. Não entendia bem o que lia, pela linguagem difícil e porque ela

ainda tinha dificuldade de ler. Queria aprender melhor, mas não conseguia fazer sentido das palavras. Ficavam como que soltas, não se juntando em um sentido. Tinha, também, muita dor de cabeça.

Tentava contar à avó que estava sofrendo, mas não conseguia. Não tinha nenhuma doença física para mostrar e não queria mentir, dizendo que estava com isto ou aquilo.

Seu sonho era se tornar crente, mas para isto teria de crescer, tornar-se independente. O que era difícil porque, então, seria uma mulher, teria um filho e morreria.

Talvez, acabasse antes. Disseram para ela – foi uma menina da escola – que todas as mulheres sangram a partir de certa idade – onze ou mais. Ela não conseguiu entender muito bem e apenas viu nisto um sinal de perigo. Quis falar à avó a respeito, mas não teve coragem. E ficou invejando o irmão, por ser homem.

14. Quarenta anos no deserto

O irmão morto de Carol é Giovanni, que, ao nascer, ou seja, ao morrer no parto, quase levou consigo a mãe, já teria dois anos. Seria um garoto muito irrequieto, nervoso e o seu nome: Emanuel.

A avó nunca pensou em chamá-lo nos seus encontros no centro espírita. Se o tivesse feito, ouviria, apenas, um som único, talvez um choro, talvez uma espécie de grunhido. O feto morto não tem nome, mas não recusaria um.

Aquele que hoje seria Emanuel, este feto assassino, não pode ficar perto de sua mãe, que cosmicamente o odeia e nunca o perdoou.

É claro que a respeito disso não temos realmente possibilidade de saber, a não ser no centro espírita. Estas ideias apareceram muito claramente quando dona (...) despertou, num domingo de manhã, quando sentiu mais uma vez uma dor no rim direito, que era insuportável. Em parte para esquecer a dor, ela ficou pensando no Emanuel – era assim que o chamava em pensamento e, às vezes, de “coisa assassina”.

O que lhe aparecera no sonho era um julgamento do feto. Estava estendido em uma cadeira, como um longo pedaço de carne disforme. O juiz era, nada mais nada menos, que o gerente do supermercado, com quem ela tinha brigado umas três vezes. A

acusação era feita por sua filha e a defesa por seu marido, este vestido não de marinheiro, mas de almirante.

Se o sonho, à primeira vista parece grotesco ou terrível, não foi vivido assim, e ela se lembrava dele aos poucos, ao acordar. Havia uma alegria no julgamento, porque se sabia – como? – que o feto, qualquer que fosse o veredito, chegaria à ressurreição. Foi na cama que teve a ideia natural de tentar se comunicar com Emanuel através de Dona Benedita. Por que não tivera antes esta bendita ideia? Não sabia.

A dor no rim estava muito forte e ela nem sentia vontade de sair da cama. Gritou para a neta, que apareceu no quarto, segurando uma banana comida pela metade. Disse-lhe para trazer o remédio e um pouco d'água. A menina foi e voltou e ficou sentada na cama, vendo a avó beber água, meio erguida. Depois esta lhe entregou o copo, que a menina ficou segurando.

15. Estâncias vencidas

No nível superior, alguns banqueiros estão cercando o ministro da Fazenda. É um cerco fechado. Dizem-lhe coisas amáveis, mas não o deixam sair. E ele está com muita vontade de ir ao banheiro e tem de dar um telefonema. Não trouxe o celular e não quer pedir um aos banqueiros. Por que diabos achou que não precisava de nenhum segurança próximo? Também, não poderia dizer: – Por favor, esperem um pouco, que eu preciso sair. Como é que entenderiam isto? Tinha de ser gentil, porque havia uma dependência mútua. Se ele deixasse de gostar deles, ficaria frágil em seu cargo.

No nível inferior, duas mulheres acabam de encontrar-se depois de mais de vinte anos. Eram a primeira e a segunda mulher do ministro da Fazenda. Claro que sempre se viam de longe, mas não havia cumprimentos. Desta vez, resolveram falar-se. Foi a atual mulher, Carla, quem decidiu aproximar-se. Veio e falou simplesmente, sem mencionar nada do passado. Como se fossem velhas conhecidas.

Estavam no meio da conversa, quando o ministro da fazenda caiu do andar de cima e estatelou-se no chão, perto da mesa de doces. A orquestra tocava muito alto, de modo que poucos notaram o que aconteceu. As duas mulheres correram a acudi-lo. Estava desacordado e tinha sangue no rosto e na cabeça.

Carla ficou muito abalada e também muito triste, temerosa de que tudo acabasse em uma grande crise e o seu marido deixasse de ser ministro. Logo quando estava acostumado. Ambos estavam mais tranquilos. Ela, menos excitada, e ele mais seguro.

* * *

O ministro segurava em sua mão um papel, que no dia seguinte saiu publicado em todos os jornais:

“Quando a nação estiver mais tranquila, bastará um pequeno movimento – alguns decimais – e ninguém sentirá o abalo. Alguns bancos, exatamente entre os maiores, irão sofrer o que nunca sofreram antes.

A construção de uma sociedade sem inimigos passa pela tradição pura e simples de dizer não aos que não sabem distinguir entre a boa e a má vontade.

Saibam todos os que lerem esta que não há mais o que fazer senão começar um pequeno morticínio dos grandes credores e dos principais cantores do país.

A década da qual estamos saindo levou o país ao infundado temor de perder sua identidade, de dissipar-se. Está realmente muito perto disto. Poderá desaparecer e eu não quero ser responsável por um sumiço.

O presidente da república parece ser amigo de todos. É mais do que isto: um santo, que chegou contra a sua vontade a este cargo de sacrifícios. Todo o dia tem de receber transfusão de sangue, porque há algo no palácio – que ninguém descobre – que lhe está consumindo os glóbulos vermelhos.

Sou fiel e sempre serei fiel”.

O mais estranho é que o texto tinha sido escrito a mão, mas a letra não era do ministro.

16. Rotas difusas

O nome do país é óbvio. Não pode ser dito, porque causará muitas confusões. Melhor mantê-lo encoberto. Não há perigo de equívocos.

Duas histórias costumam ser contadas a respeito do país. Revelam sua realidade?

Dois pássaros chocaram-se quando voavam e começaram a cair. Estavam inicialmente a uns duzentos metros de altura. Eram de uma espécie aparentada do urubu, mas conhecida dos estudiosos.

A outra história é a seguinte:

17. Antes do amanhecer

O ministro costumava contar a seguinte história, quando tinha de mostrar exatamente quem era.

18. Uma cegueira elegante

Carla, a atual mulher do ministro, já tentou esconder suas origens armênias, que a envergonhavam, embora tivesse tudo para sentir orgulho delas. Seu pai, que chegara ao país, quando tinha apenas cinco anos, tornou-se um comerciante bem próspero, e principalmente um conselheiro de poderosos. Os irmãos de Carla tinham sucesso como diplomatas. E ela própria tinha mostras de uma habilidade muito grande.

Carla, porém, sentia-se mal por não pertencer a um povo mais significativo na história. Ingleses ou alemães, até judeus. Havia algo de insignificante nos armênios, que ela sentia em sua vida, em todas as coisas. E sabia que nunca poderia resolver este problema. Não havia como aceitar esta providência.

Nunca contara nada a ninguém, mas não pudera escondê-lo de Estron. Quem era Estron? Um rapaz de vinte anos – a metade da idade de Carla – e que se tornara o que costumava chamar de “seu pecadinho”.

19. Pedágio para pedestre

O tutor de Carla.

20. Vinte séculos de estigmas

Entre os que sabem da diferença entre viver bem e viver mal, e sei que são poucos, posso encontrar uma voz que se mantém acordada mesmo entre prazeres sonolentos. Na tarde de nosso relacionamento, quando pareço já ter desistido de ser digno, espero qualquer coisa, aceito qualquer ofensa. Nunca quis revelar para os primeiros amigos o que havia causado o meu espetacular desvio de responsabilidade. Fui embora de casa, deixando filhos bem providos e uma mulher que já não amava e que estava, apenas, disposta a encontrar nos homens um apêndice de si mesma. Tinham sido os últimos anos uma coisa desagradável depois de outra. Apenas o amor aos filhos tinha me impedido de matá-la, o que planejava todos os dias, pondo no papel, com todos os

detalhes, o método novo. Era uma espécie de receita, e talvez um poema. Hoje sei que isto seria quase banal em um mundo em que de tudo se sabe e no qual a cada dia há mais comportamentos esdrúxulos.

21. Sei onde termino

Foi dado um grande desconto na compra do computador. Algo em torno de trinta por cento. Tenho dentro de mim uma verdadeira máquina que vive assustando as pessoas que já tentaram se aproximar de mim. Nem sempre foi assim. Lembro-me de minha infância, quando o meu pai ameaçava os vizinhos com a sua pistola automática e ninguém tinha coragem de chamar a polícia. Papai acabou matando minha mãe com a pistola, fugindo para o interior. Nunca mais foi visto e eu acho que se matou em algum ermo e ninguém encontrou o seu corpo.

Quando cheguei em casa, liguei e, como conhecia o programa, comecei a escrever. Era realmente uma inauguração. Escrevi sem parar até ficar escuro. Tinha as notas todas, em que estive trabalhando por mais de três meses. Era a minha primeira tentativa de biografia. Contava como perdera a razão por cerca de doze anos e como o encontro com um tio meu, que estudou com Lacan e com Chico Xavier, me devolveu ao convívio com os humanos.

Na manhã seguinte, quando fui à sala, vi que o computador já não estava mais lá. Como teria sumido? Não consegui entender, e isto me foi subtraindo a razão bem lentamente. Ao meio-dia, quase não tinha sobrado nada.

Sei que não está mais na moda escrever como se tivesse ficado louco.

22. Véus mal-lavados

Comprara o vestido de noiva naquela tarde. É verdade que era usado e, talvez, já tivesse sido utilizado em cinco ou seis casamentos. O vendedor não fizera segredo. Havia uma mancha na cauda, mas não era assim tão evidente.

Quando chegou em casa, colocou a roupa. Já experimentara na loja e viu que estava um pouco apertado. Mas não havia outra alternativa. Foi até a cozinha e começou a lavar a louça.

Ela pensou que iria se sentir feliz, mas não conseguia. Sabia o quanto havia de falso naquele casamento, que não garantia nada. Depois de terminar de lavar todos os pratos, varreu a cozinha e ficou sentada em uma cadeira fumando, pensando no segundo casamento de sua mãe, que todos desaprovavam a princípio, pela diferença de idade do noivo, vinte e cinco anos mais novo. Mas fora um casamento feliz, estando os dois juntos até hoje.

23. Pendura a suposição

Notável foi quando estiveram bem juntos, quase colados, na passeata, e nem notaram. A passeata, que havia atraído mais de dois milhões de pessoas ao centro da cidade, para protestar contra a deterioração do ar, que realmente havia se tornado irrespirável nas últimas semanas.

Um cheiro podre tomara conta do Rio de Janeiro. Estranhamente, Niterói não foi atingida. Parecia que o cheiro não vinha de fora, mas de alguns pontos da cidade. Talvez, estivesse saindo de algum orifício que ninguém conseguia descobrir. Havia hipóteses que vinha de cemitérios clandestinos ou de gases que saíam do fundo da terra, anunciando uma futura erupção.

Logo no primeiro dia, ele, que trabalhava numa firma de cosméticos, na área financeira, teve um forte ataque de asma, como não ocorria havia mais de quinze anos.

Dias depois, ela, que vinha aguentando muito bem o mau cheiro – e isto a humilhava, porque gostaria de ser frágil como a sua irmã – começou a perder inteiramente o apetite. Desde então, não consegue comer e já perdeu seis quilos.

A principal razão por que não o notaram é que usavam máscaras, pelo menos cem mil, isto é, aqueles que tinham posses suficientes para adquirir rapidamente o equipamento, que tinha de ser importado dos Estados Unidos.

O verdadeiro encontro ocorreu dois dias depois da passeata, quando ambos tinham ido, ao mesmo tempo, à casa de um amigo comum, onde costumavam ocorrer reuniões para tomar êxtase e assistir vídeos New Age.

24. Quantos estarão ainda mortos?

O número não é tão grande assim, mas espanta. O ressuscitador esteve pelo meu bairro ontem e hoje mais de duzentas pessoas que já andavam por debaixo da terra há muito tempo voltaram e, sem grande discussão ocuparam, de novo, os seus postos na vida. Não houve discussão, porque o espanto dos vivos não tinha tamanho.

25. Sorver o ar abafado e digeri-lo descuidadamente

Dentro do seu estômago guardava um segredo que poderia ser eterno. Era uma receita que fizera de olhos fechados, de modo que não sabia direito qual a proporção dos ingredientes. Chamava a receita de “a própria vida”, e achava que podia ser um pouco menos salgada e, também, menos gordurosa que ela.

* * *

A tribo dos inimigos da lei, que já dominava meia cidade, distribuía santinhos cobertos de sangue e mel. Não faltava muito e o próprio chefe de polícia, também carregaria, no seu carro, um destes santinhos. Ele tentava dizer para si que não odiava a lei, mas, aos poucos, sem qualquer esforço de autoanálise, teve de confessá-lo ao seu próprio espelho, diante do seu rosto meio escanhado.

Essa ideia de colocar mel em tudo tinha começado em um restaurante árabe no centro da cidade e, em pouco tempo – seis meses ou até menos –, não havia lugar no Rio que não tivesse um prato ou entrada sem mel. O próprio prefeito falava em mel quase todos os dias e prometia que, pelo menos, em uma praça haveria um chafariz do qual jorrariam leite e mel. Por que leite? – indagaram-lhe em um programa de televisão. Ele, sempre tão bem articulado, não soube responder.

* * *

Comera os próprios argumentos, quando o certo teria sido vomitar logo tudo o que sabia. É que não conseguia suportar o almoço, pois ainda tinha no estômago o prato da receita do dia anterior, que se recusava a ser digerido.

Diante de si estavam os seus três filhos, que vieram ao almoço de joelheiras e patins e falavam, entre si, um dialeto que aprenderam nos Estados Unidos. Ele tentou ficar indiferente e, depois de algum tempo, pediu a tradução.

O filho mais novo – indubitavelmente seu preferido – traduziu imediatamente.

* * *

Tinha poucas dúvidas de que o grupo de deputados reunidos na festa do fim do ano não o deixaria sair sem que tivesse aceitado uma secretaria ou um lugar tranquilo no tribunal de contas.

26. Continentes à deriva

Entrando em casa, descobriu logo que a esposa tinha cumprido a promessa que vinha fazendo havia dois anos: ir embora. Ele sabia onde procurá-la: em um apartamento do outro lado da rua. Bastaria ir até lá e facilmente conseguiria convencê-la a voltar. Já não fizera isso tantas vezes? Seria bem fácil reconquistá-la, aproveitando-se de uma fraqueza de juízo que ela, obviamente, tinha: uma falta de amor que ela própria admitia ser um monstro que sempre a vencia e acabaria destruindo-a.

Desta vez, não tinha vontade de retomar o território. Deixaria que as coisas andassem em qualquer direção. Também, vinha pensando por algum tempo se não valeria a pena voltar a certos gostos adolescentes e tentar alguma coisa com os rapazes. Tinha medo dessa história de aids, mas achava que tomaria todas as precauções.

Além disso, sempre que ela o abandonava, não demorava muito voltava, dizendo que estava morrendo de pena. Seria engraçado, pensou, que ela tentasse voltar e encontrasse em sua casa um rapazinho ocupando-se das coisas do lar.

Naquele dia em que ele tinha ido a São Paulo para tentar, sem sucesso, vender um pequeno sítio em Atibaia, que tinha ganho como herança, ela pusera tudo em um caminhão de mudança e levava, exatamente, metade da casa. Na sala, deixara,

apenas, um sofá. As estantes estavam esvaziadas pela metade e, mesmo no quarto de dormir, sobrara uma cama de solteiro, pois, há muito, decidiram só usar a de casal.

Sentou-se na poltrona que restara na sala e, olhando para a mesa que ficara apenas com três cadeiras, voltou a pensar na série de erros que tinha cometido desde o princípio. Ela queria ter filhos e ele recusou-se a qualquer tratamento quando ficou constatado que tinha problemas com o esperma. Ela queria deixar de ser juíza do trabalho e abrir uma confecção, e ele sempre ridicularizara esse desejo.

Como juíza ela era considerada feroz pelos empregadores e mesmo alguns empregados sentiam o peso de sua autoridade quando ficava claro que tinham prevaricado. Quando, porém, em casa e ao lado dele, ficava sem vontade e tinha o gosto de ser inteiramente manipulada.

27. Saber perder a fé

Fui ao Espírito Santo visitar um amigo em estado grave, porque não conseguia defecar havia oito dias – e que finalmente se salvou com a ajuda de um médico e de um japonês. O médico deu-lhe esperança e consolo técnico, mas nada pôde fazer. O japonês utilizou-se de um método absolutamente inesperado e imprevisível, mas que, pensando bem, faz todo o sentido. Mandou-o amarrá-lo à cama e fez-lhe cócegas nas plantas dos pés e nos sovacos, que quase o mataram. Mas depois de quase meia hora em que rira-chorara e quase perdera os sentidos, atingiu um estado de total relaxamento e foi capaz de defecar. Foram necessárias cinco sessões em dois dias e o meu amigo ficou inteiramente curado, tendo-lhe sido recomendado, tanto pelo japonês, quanto pelo médico, que, doravante, comesse alimentos com mais fibras, bebesse mais água e fizesse mais exercícios. Mas o meu amigo, absolutamente incorrigível, atendeu a muitos apelos e candidatou-se ao senado, de modo que não anda fazendo nada do que foi recomendado e está destinado a um novo capítulo de seu enfezamento.

Esqueci de contar que as fezes do meu amigo não saíram com as cores costumeiras – marrons, pretas, às vezes, verdes. Vieram azuis cobalto e verdes, da cor de esmeraldas. O japonês, que assistia, pegou um pouco com a mão, fez uma pequena bola e lançou-a contra a parede. Fez isto com várias bolas até formar-se, na parede, algo que lembrava, bem vagamente, a bandeira japonesa. Enquanto fazia isso, dizia-

nos – a mim, que assisti a tudo, e à mulher do meu amigo – que fezes de tal cor eram sinal de que o meu amigo tinha uma relação cármica com um plano especial do universo. Quando pedimos mais explicações, ele, que falava um português pouco inteligível, ficou cada vez mais confuso. Quando quisemos pagá-lo, disse que não aceitava nada e que pedia permissão para levar um pouco das fezes, para mostrar a descrentes e para guardar como uma espécie de troféu. Foi-lhe dada não apenas um pouco, mas toda a produção do meu amigo. E o japonês desapareceu.

Veio a campanha eleitoral e vieram as eleições, que meu amigo venceu galhardamente, com o dobro da votação da soma dos seus três contendores. Quando se avizinhava a posse em Brasília, o problema do enfezamento voltou, desta vez mais grave, porque se fazia acompanhada de dores fortíssimas, febres e até algum delírio. Fui vê-lo em Vila Velha e o seu estado inspirava cuidados, como se costuma dizer. Tentamos, eu e a sua mulher, achar o japonês. Ligamos para São Paulo e disseram que ele tinha voltado para o Japão sem deixar forma alguma de comunicação. E ninguém sabia de alguém que pudesse substituí-lo.

O mesmo médico que se mostrava impotente da outra vez foi chamado, e os seus esforços não deram resultado. A situação de meu amigo piorou muito, pois começou a ter pressão baixa e dificuldades respiratórias. A pedido de sua mulher, achei que deveria tentar o método do japonês. Mas será apenas umas cócegas, ou o japonês usava de alguma técnica de que não nos tínhamos dado conta?

Amarraram o meu amigo – ele estava em casa – e comecei as cócegas. Ao contrário da outra vez, não ria e suas reações eram muito fracas. Continuei por meia hora e o resultado foi que ele dormiu. Duas horas depois, quando ele acordou, tentei novamente. Desta vez, a reação foi oposta, com grandes gargalhadas e o corpo dando saltos na cama. Finalmente, vieram as fezes. Desta vez, não eram coloridas e sim comuns. Pensávamos que estava salvo. Foi um engano, no dia seguinte entrou em forte crise renal e respiratória e acabou morrendo.

28. Antes da facada

Sentindo que a conversa não iria durar e que ela estava desinteressada, resolveu tentar uma manobra que sabia ser desesperada. Lançou-se ao chão e começou a

babar. Mantinha os olhos quase fechados e pelas frestas viu a surpresa dela. Fez alguns movimentos mais intensos e depois fingiu que tinha perdido os sentidos. Ela se atirou sobre ele, pedindo perdão pela frieza com que o tinha tratado e prometendo ser carinhosa e atenta.

Percebeu que ela estava desesperada e sentindo-a perto de si, quis tocá-la, abraçá-la. Obviamente que isto não daria certo e seria repellido imediatamente. Continuou fingindo o ataque e entre os dentes disse que precisava de uma respiração boca a boca.

Ela estava pronta a fazê-lo, superando o nojo que sentia por aquela baba, quando chegou o irmão dela, que disse que deveriam levá-lo para o hospital e deu a ideia de amarrá-lo em um colchonete e transportá-lo em cima de uma tábua fina que estava encostada na parede.

Não resistiu, embora tenha ficado quieto, para tentar demovê-los da ideia. Não adiantou. Foi levado para o carro e posto no banco de trás. Estava completamente amarrado e o irmão dela tinha-lhe posto uma venda nos olhos e uma mordança.

Ela estava mais senhora de si e dizia:

– Eu não suporto o jeito dele. Já disse para não aparecer, e agora, veja só, estamos cuidando desta figura. Quando ficar bom, vai continuar me perseguindo, com a justificativa de que foi salvo por mim.

Ele tinha parado com toda a representação e, embora, deitado de mau jeito, conseguia relaxar. Estava despreocupado, achando que no hospital acabaria escapando.

O irmão perguntou se não seria melhor dar-lhe uma lição.

– Fazer o quê?

29. Quantias impagáveis

Novamente estava o seu irmão parado diante dele, com o chapéu na mão e aquela cara de mendigo que tinha desde os cinco anos de idade. Desta vez, pegaram o irmão mendigando na rua do Catete, perto do palácio da República. O pior é que o irmão colocava os melhores ternos, em que dava cortes com tesouradas, e ia para a rua, tendo à mão um velho chapéu de palha. Exatamente o chapéu que a avó tinha ganhado

de Santos Dumont, setenta anos atrás. Ainda pior é que ele era um mendigo muito bem sucedido. Quando foi encontrado, tinha cerca de cinquenta reais, em notas de um real e em moedas.

Como das outras vezes, o dinheiro foi distribuído entre os mendigos aparentemente verdadeiros e alguns meninos de rua.

O irmão, que todos chamavam de Machado, mas que se referia a si mesmo como Rodrigo, não resistiu e voltou para casa. Entrara calmamente no BMW azul e acenara para os passantes, havendo até quem ensaiasse um protesto ou mesmo uma salva de palmas.

A principal razão da atitude do irmão ao contrariá-lo era que, na comissão de orçamento da Câmara dos Deputados, havia começado a surgir uma pequena, mas cada vez mais intensa oposição ao seu nome, que a princípio tinha sido aceito para a presidência, com uma aparente unanimidade. Os ataques vinham de duas direções diferentes, com argumentos, também, diferentes. Um deles dizia que não era confiável, que fingia ser o que não era, que nada entendia de economia e de orçamento e que não atendia nem cumpria qualquer promessa. O outro ataque – que vinha do grupo de deputados de São Paulo –, pretendia provar que ele sofria das faculdades mentais e que nem merecia estar na Câmara, quanto mais presidir uma comissão tão importante.

Se alguém tivesse visto o seu irmão mendigando vestido daquela maneira, as coisas piorariam. O que fazer? Não era aconselhável interná-lo, pelas razões óbvias. Se o deixasse livre, acabaria voltando àquela mendicância exótica. Só havia uma alternativa: prendê-lo em casa.

A prisão não seria muito fácil, porque o irmão tinha realmente perdido a razão, e seria capaz de escapar pela janela, pelo telhado ou de qualquer forma. Teriam de pôr grades e, para isto, fazer obras, o que poderia chamar a atenção da imprensa. A melhor alternativa seria interná-lo no estrangeiro, em alguma casa de saúde mental nos Estados Unidos ou na Espanha, que era melhor porque seria bem mais em conta. Como fazê-lo? Em um avião de carreira não seria conveniente. Teria de alugar um jatinho, que sairia os olhos da cara. Mas, certamente, compensaria, porque a presidência da comissão de orçamento abriria tantos caminhos.

Certo de que a internação resolveria o problema, começou a pensar no futuro. Depois da comissão de orçamento, teria acumulado poder e recursos para se lançar governador do Estado. Depois, quem sabe, até a presidência da república, que era um sonho infantil em que evitava pensar, porque lhe causava frustração ter quarenta e cinco anos e estar tão distante do poder, enquanto o Collor lá chegou até mais moço.

Já era quase a hora do almoço quando sua mulher chegou da rua. Vinha com duas sacolas. Eram certamente de roupas. Mas isto não o incomodava. Não gostou, porém, do forte cheiro de cachaça que notou quando ela lhe beijou o rosto. Aquilo estava ficando muito frequente. O esquisito é que ela não parecia embriagada, mas cheirava sempre a bebida.

30. Alegria deslavada

Na queda, ele soube mostrar-se augusto e supremo. Na queda, quando o seu rosto cobria-se de lama e de todos os recantos do planeta vinham recados irônicos, ele continuou a sentir-se importante. Quando estava diante do cepo, no qual lhe cortariam os testículos, manteve-se com o mesmo ar glorioso de quando fora condecorado pelo papa. Dias depois, quando começava a cicatrização do ferimento, não conseguia entreter senão uma visão otimista de si e da vida.

É verdade que tentou lutar contra tais sentimentos positivos, que, admitia, nada tinha a ver com a sua condição. Não conseguia, porém, ter pensamentos negros ou ver o futuro de modo torturante. Nascera para pensar que cada dia seria melhor que o anterior, acontecesse o que acontecesse.

Não fora assim com sua mãe, que dava gargalhadas exultantes, enquanto o câncer já tinha se tornado generalizado? E o seu pai falido em cinco negócios, cercado por credores, difamado por empresários que o consideravam, apenas, capaz de produzir ruínas? Não cantava as mais doces óperas, nos momentos que mesmo os deuses se sentiriam sob o peso do infortúnio?

Onde teria se iniciado esta visão tão vigorosa do bem? Eram gerações que se foram sucedendo, e todas tomadas por uma certeza da boa fortuna, que era capaz de apagar qualquer desdita?

Havia uma história na família, que era considerada secreta e que agora, sem os testículos e abandonado, era objeto de sua consideração diária. Isso acontecera há, exatamente, onze gerações, antes mesmo do convite para viver em Portugal àquele grupo de nobres de Florença. Houve uma mulher que teria – agora ele diz “teria”, pois tenta introduzir um pouco de dúvida em seu pensamento – que teria comido um determinado tipo de caracol, juntamente com determinado tipo de cogumelo, e ali estava a combinação perfeita que deu às crenças positivas uma força inabalável.

Essa mulher, cujo nome não foi guardado, tivera os seus seios cortados por um bando de salteadores, por se ter recusado a dizer-lhes onde estava um cofre com preciosas jóias persas. E, mesmo sem os seios, foi considerada a mulher mais bela do lugar e casou-se com o príncipe da cidade, e deram origem a estas gerações de otimismo.

Pensando nesta ancestral, pegou no sono sob o lençol imundo e puído. Naquela noite teve o seu primeiro pesadelo, e pela manhã o seu otimismo lhe garantia que desta vez o otimismo começara a sofrer a primeira de uma longa série de derrotas.

31. Cobertura divina

Em que direção está o sentimento mais absorvido? Onde encontrar uma espécie de filtro, por onde passem, apenas, os pensamentos lógicos e os demais fiquem retidos e formem uma espécie de tecido onde posso ler o futuro de meu país? Cada um encontra nas suas próprias dobras uma espécie de espelho feito de carne e que tem o sabor de uma esmola generosa. Olhar para dentro de si tinha sido uma recomendação que os indianos iniciaram e depois correu mundo e finalmente se transformou em uma exitosa religião onde são adorados os buracos do corpo, com preferência pelos ouvidos e pelo ânus. Anotando o que vai escrito com uma espécie de caneta sem tinta sobre a parede da sala de jantar, e que avisa que nos resta bem pouco tempo antes do fim do milênio e que alguém de nossa família poderá ser o condutor de toda a humanidade para o novo estágio em que haverá poucas razões para dançar e para cantar.

A inspiração que procede de minhas entranhas saúda os meus próximos e os meus conterrâneos, argumentando, meio canhestramente, que não há mais nada a esperar do presente século. Nada é dito sobre o século vindouro. Será bom ou mau? Terá

guerras mais formidáveis e vítimas sem conta? Ou será mais outro século em que a humanidade estará em paz consigo mesma e terá em seu peito o sinal luminoso da presença divina? Ouço uma espécie de cantoria embriagadora. Será que vem do outro século e solta para o passado uma espécie de música celestial? Ou os rios de sangue que tenho visto por dias inteiros – com os olhos abertos e com os olhos fechados; dormindo ou em vigília – são o sinal de que a humanidade irá expiar mais uma vez, servindo como uma espécie de cordeiro no altar que é a vida cotidiana.

Loucos, três vezes loucos. Esta voz, que vem do meu braço direito, tropeça no tempo e dispara uma espécie de esperança, que tem a consistência de *marshmallow* e o sabor de frutas ainda verdes, cheias de visgo e agressivamente ácidas. Encosto meu ouvido no braço que se furta a obedecer-me, pois só a Deus quer servir. Ouço noticiário sem parar e o que pensava ser uma profecia – estamos ansiosos por ela, e muito carentes – não é nada mais que o noticiário da televisão, que foi captado pelo braço. Se fico atento, percebo que o noticiário desloca-se pelo corpo e agora está sendo transmitido pelos meus glúteos. A voz do locutor divide-se nas duas metades e ouço o fundo musical sem perceber com clareza a parte do corpo de onde provém.

Estremeço e estou certo de que receberei as mais vigorosas mensagens. Passo horas ouvindo todas as partes de meu corpo e quando espero estar ouvindo a última palavra de um centro universal, são, apenas, interferências humanas através das centenas de estações que estão em funcionamento. Percebo, então, toda a estratégia demoníaca: trazer estas vozes para o universo e tornar absolutamente impossível ouvir a voz do nosso dono. Sei, porém, que, adentrando, eu poderei encontrar uma região livre, onde a única voz que convém ouvir aparecera com clareza e autoridade. Mas não consigo adentrar, pois estou aturdido como todos esses sons.

- 32. Monstros anêmicos**
- 33. Um ódio que ficou esquecido**
- 34. Loção de fervorosa amizade**
- 35. Saúde domesticada**
- 36. Sacrifícios aos frívolos**
- 37. Mares relapsos**

38. Loucura estropiada pela vontade de dizer sim**39. Caricaturas ingratas²****40. Mistérios a menos**

No andar de cima do meu sobrado havia três quartos bem diminutos. Cada noite ele dormia em um. No primeiro, que ficava perto da escada de pedra onde meu irmão tinha caído e morrido, mantinha duas cabras. No segundo quarto, que dava para a rua, as janelas não eram abertas, para que as corujas não fugissem. No terceiro quarto, havia dezenas de retratos emoldurados e que ocupavam todas as paredes.

As duas cabras receberam os nomes das suas irmãs, que haviam viajado para a Nova Zelândia, descontentes com a vida no Brasil, onde não conseguiam arrumar nem homem nem emprego que prestasse. Ele protestava, mas tinha de admitir que era verdade, no que tocava a elas. E não mandavam notícias há mais de três anos. As duas cabras eram muito mansas e ternas, e deitavam-se ao seu lado, pegando logo no sono. As corujas – que lhe foram dadas por uma namorada que trabalhava em uma companhia de mineração e foram trazidas do interior de Goiás –, eram em número de três e não lhe prestavam atenção. Quando dormia com as corujas, punha uma venda nos olhos, temendo que o cegassem. Havia ouvido falar que elas apreciavam comer olhos de outros bichos. Parecia fantasioso, admitia, mas, pelo sim, pelo não, achava que era melhor proteger-se.

Os retratos do terceiro quarto, eram os que tirara ao longo da vida. Na parede onde ficava a janela, estavam os retratos da infância, inclusive o que tirara com o avô, na tarde em que ele morrera atropelado. Na parede da porta, ficavam os retratos que tirara quando era apresentador de programas de moda na televisão. Na parede onde ficava encostada a cabeceira da sua cama, estavam as namoradas e mulheres que tivera até os trinta e dois anos. Na outra parede, os retratos de seus namorados e amantes, quando decidira que gostava mesmo era de homem.

Nós morávamos no andar térreo e passávamos, às vezes, três ou quatro dias sem vê-lo. Minha mulher ligava para ele convidando-o para jantar, mas sempre encontrava a secretária eletrônica; desistira de deixar recado, porque ele nem respondia nem vinha.

² Os itens 32 a 39 provavelmente ainda iam ser desenvolvidos, assim como o 42, os numerados de 45 a 70 e de 73 a 98. Nota da Editora.

Ele fora meu colega de ginásio, onde se destacava por seus dotes sociais e porque sabia contar histórias, que entretinham toda a turma. Reencontrei-o um ano antes, exatamente quando eu estava em dificuldades, por ter perdido o meu emprego. Na rua mesmo, ele me contou que procurava um lugar para morar e lhe propôs que morasse no andar de cima do sobrado. Ele aceitou, embora, também, não tivesse muito dinheiro. O que lhe restava depois de pagar o aluguel dava para comer e pouca coisa mais. Vivia da renda de duas casas de vila no Andaraí.

41. Comer doces no deserto

A videira que ele havia plantado no jardim deu uvas em um tempo surpreendentemente curto. Não foi nenhuma surpresa, porque ele seguira as instruções de um livro marroquino, de influência sufi, que mandava, inclusive, pegar a primeira safra e usá-la inteiramente como adubo, proibindo que se provasse um só fruto.

A segunda safra, que era esperada em um ano, veio em cinco meses; e as parreiras ficaram tão carregadas que a sustentação de madeira onde elas se estendiam ameaçavam quebrar-se. Fez três colheitas de uvas. A primeira tomou para si – e passou uma semana comendo o que nunca tinha provado: uma uva rosada, sem caroço e de uma suavidade tão grande e sem qualquer ácido, que parecia outra fruta. Deu uma parte para os parentes e alguns vizinhos. A segunda parte vendeu para um feirante que, no dia seguinte à feira, começou a telefonar desesperadamente querendo comprar mais. Dizia que os fregueses tinham adorado tanto que faziam encomendas enormes. Da terceira parte, fez um vinho.

As instruções para o vinho diziam que as uvas teriam de ser pisadas por meninas de menos de dez anos e que fossem virgens. Ficou intrigado por esta recomendação e ordenou à sua filha e à filha do primeiro casamento de sua mulher que fizessem o trabalho. Foi bem exaustivo. No começo, as crianças gostaram, mas depois, muito cansadas, quiseram abandonar. Fez a promessa de levá-las ao show musical que escolhessem e elas resolveram terminar.

Deixou o vinho fermentando em um tonel de 15 litros, por seis meses. Tentou esquecer-se, mas não foi possível. O livro marroquino prometia tanta coisa que mal conseguia esperar.

No primeiro dia após os seis meses, pegou o tonel que ficara em cima do armário do quarto de empregada – surpreendentemente o quarto mais fresco de seu apartamento – abriu-o e foi colocando o conteúdo em garrafas. Eram garrafas azuis, em que vieram vinhos alemães. Foram compradas em uma casa de garrafas e lavadas com extremo cuidado. Deu exatamente quatorze litros e meio. Na hora, tomou aquele meio litro, que o emocionou com o seu sabor e a maneira aparentemente viva como se distribuía na boca.

Uma hora depois, veio um sono tão forte, que dormiu sentado no sofá do quarto, sem forças para ir até a cama. O sono lhe pareceu uma espécie de abertura negra por onde adentrava na terra e, lá no fundo, viu alguém parecido com Aladim, das *Mil e uma noites*, que lhe disse que estava às portas de um grande erro.

Quando acordou, sentiu-se indisposto, mas não atribuiu nada ao vinho. Estava na hora, pensou em realizar o plano. As instruções diziam que conseguiria com o vinho conquistar a mulher que quisesse e dobrar a vontade de qualquer pessoa, que lhe serviria com prazer e satisfação.

Quem ele desejava ardentemente, por muitos anos, era a irmã de sua mulher, exatamente a mãe da garotinha que ajudara a sua filha a pisar as uvas. Tinha muito boas relações com a mulher, que lhe confiava suas dificuldades com o marido e como lhe era duro continuar fiel. Ele, por sua vez, não tinha coragem de lhe propor nada.

Chamou-a para tomar o vinho, numa noite em que a sua mulher tinha ido a uma reunião do colégio da filha. A cunhada apareceu vestida de um short bem curto e com um bustiê que mostrava os seios com que ele sempre sonhara. Ela tomou o vinho, conversaram e ela foi embora. Ele sabia, segundo as instruções, que o efeito demoraria um pouco a aparecer.

No dia seguinte, foi falar com seu chefe, na procuradoria do Estado. Pensava que, com o vinho, conseguiria que o seu chefe o indicasse para a chefia, no próximo período. Foi almoçar com o chefe, levando o vinho. Os dois se deleitaram realmente e tomaram, naquela tarde, uma garrafa inteira, embora estivesse muito quente e houvesse um grande número de processos atrasados.

Esperou, com satisfação e tranquilidade, por uma semana. A primeira reação veio de sua cunhada, que se disse maravilhada com a vida. Ela lhe falou que queria falar logo com ele, e ele mal conseguia se conter, imaginando-a nua diante dele, deixando-se penetrar. Quando a encontrou, ela estava extremamente sorridente e ele pensou que ela se atiraria nos seus braços. Ficou um pouco preocupado com a hora, porque a mulher estava para chegar com a filha, a qualquer momento.

A cunhada sentou-se à sua frente e começou a dizer como estava bem. E foi logo contando como se reconciliara com o marido, que a conquistara de novo, e com quem estava tendo deliciosos momentos amorosos. Foi-lhe muito difícil externar alegria, mas conseguiu.

No dia seguinte, um colega da procuradoria telefonou-lhe e foi logo dizendo que o novo procurador já tinha sido escolhido. Ao ouvir isso, deu um sorriso, que logo se dissolveu. O atual chefe tinha escolhido, exatamente, um dos procuradores que ele mais odiava e desprezava. Não queria ouvir mais nada. Disse que tinha de sair, agradeceu e desligou.

Imediatamente foi até a escrivaninha onde guardava o livro marroquino, que comprara de um anúncio em um jornal norte-americano, que lhe caíra nas mãos, numa viagem de ônibus para Belo Horizonte. Releu as instruções e viu que tinha feito tudo segundo as instruções. Ficou longamente sentado, pensando no que fazer até que decidiu. Pegou as garrafas que restaram, o livro marroquino e um martelo. Foi até um terreno vazio, que ficava em Laranjeiras, lá jogou todas as garrafas no chão e começou a quebrá-las com o martelo. Depois, tomou o livro e queimou suas páginas. Muito entristecido, voltou para casa, e, quando entrava a sua mulher vinha trazendo a filha da escola. Ela notou sua tristeza. Não perguntou nada e enquanto a menina corria para o quarto para ver televisão, a mulher abraçou-o ardentemente e carregou-o para o quarto. E ele, mais uma vez, fingiu que gostava mais do que realmente gostava.

42. Simpatia pelo horroroso

43. Corações extremados

Na beira da cama, próximo da parede, o colchão estava com a palha à mostra, e ele pensou que, se tivesse nascido ali, e naquele momento, poderia fazer uma piada sobre a manjedoura. De fato, tinha nascido em uma fazenda, filho do administrador com uma menina que morreu ao dar à luz. Foi criado pelo administrador, juntamente com outras crianças recolhidas nas ruas do Rio, e, dali, mandadas para a fazenda pela filha mais velha do administrador.

No meio da criançada, ele se sentira sempre o melhor. Nunca conseguiria entender a razão desse sentimento. Durara por toda a infância e toda a juventude, e agora que estava casado com a filha do homem mais rico da região e que iria ser diplomado como deputado federal, dali a uma semana, seu sentimento de superioridade tornava-se mais intenso.

Houvera um tempo em que pensara se livrar disto, fazendo uma terapia. Mas reconhecia que o sentimento de superioridade fora o seu destino, exatamente o que lhe abria as portas e lhe dera certa autoconfiança. Tudo, a princípio, viera sem razão, mas depois fora se tornando verdadeiro. Homens e mulheres estão sempre vindo à sua procura, oferecendo-lhe serviços, amor, e mesmo adoração. Desde o dia em que terminara a faculdade, começou a sentir-se como um deus. A vida só fazia confirmar isto.

Um dia, de brincadeira, resolveu invocar Jesus Cristo, pois estava disposto a falar-lhe de igual para igual. Ficou um pouco assustado, quando Cristo lhe apareceu, primeiro em sonho – quando lhe disse que iria vê-lo à luz do dia. Poucos dias depois, Cristo lhe apareceu quando dava a sua caminhada diária em um parque frondoso da sua cidade; mas, ao contrário do que podia esperar, era inferior a Cristo e mesmo a Moisés. Quando perguntou a Jesus: que tipo de divindade era, foi-lhe respondido que correspondia a um deus menor da mitologia grega. Ficou atônito com esta comparação e mesmo perguntou a razão. Jesus deu um sorriso e não disse nada. “Mas a que deus eu correspondo?” – insistiu. Jesus mandou que descobrisse por si mesmo e daí a instantes desapareceu.

44. Louças dadas como herança

Não irei responder aos seus telefonemas, e por isto deixo a secretaria eletrônica ligada, ou, então, quando minha empregada está em casa, é ela quem atende e diz que viajei. Ela sabe que está sendo enganada e volta a ligar, dias depois, certamente tentando ver se eu atendo. Jurei que ficaria um ano sem atender e que este sacrifício valia a pena, para não ouvir a voz dela.

No meu quarto, diante da cama, em que fico deitado, a fumar, por horas seguidas, está o retrato dela. Sei que não deveria mantê-lo ali, mas serve para provar a minha força.

E agora, passados quase seis meses que me afastei, nem consigo lembrar os motivos. Não é verdade. Houve um motivo direto: eu já não aguentava a maneira como ela se vestia, mostrando os seios, as pernas e, quando andava sem calcinha – agora que era moda – mostrava as suas entranhas, como no filme com a Sharon Stone, só que de uma forma, digamos, mais desavergonhada, pois as exibia para todos, em qualquer circunstância. E gostava de fazê-lo com crianças e adolescentes.

Disse-lhe para ir embora. Que tirasse suas coisas de minha casa, naquela tarde.

A outra razão era mais forte. Eu não suportava o seu gosto pela cocaína, de como era capaz dos maiores riscos para consegui-la. Ou, então, de como a minha casa era cercada pelos fornecedores, que eram, em geral, rapazes queimados de praia e de corpo musculoso. E sempre me ficava a dúvida de quais eram realmente as relações deles com aquela que cheguei a apresentar como minha esposa.

45. Longa lista de amores interrompidos

46. Navegações e divagações

47. Lentas lentilhas

48. Limites da estupidez

49. Lembranças da aspereza

50. Longe de querer bem

51. Costumes a que falta um preparo

52. Um crime muito mal recomendado

53. Antes do primeiro beijo

54. Quantos amores desconexos

55. Línguas fantasiadas
56. Chovem cristais e desmentidos
57. Ontem, tive dores nos trigêmeos
58. Claramente independente
59. Resolvi persistir
60. Quintas denominações
61. Anteriores ao batismo
62. Logicamente animados
63. Cantando para variar
64. Relinchos e sorrisos descontraídos
65. Alvos difíceis de serem vistos
66. Contas mal conferidas
67. Animo-me a falar sozinho
68. Acariciando com a mão machucada
69. A própria vergonha
70. Desejos infelizes

71. Informações dadas muito previamente

Notáveis foram os efeitos do que lhe foi dito. Ficou, a princípio, muito nervoso. Imagine-se o que é saber, no mesmo dia, que o emprego está por um fio, que a mulher, provavelmente, está tendo um filho com outro, e que aquela mancha nas costas podia ser cancerígena.

Passou a tarde toda às voltas com um livro de estatística – o Mosteller, que havia estudado no curso de economia e ao qual voltava de vez em quando, para refrescar a memória. Neste caso, examinou os conceitos sobre a probabilidade dos três eventos ocorrerem. Parecia muito baixa, devido à multiplicação dos percentuais. Mas a probabilidade de apenas um deles ocorrer era muito alta. Se fosse assim, perguntou, olhando para os ônibus que corriam descontroladamente na avenida N.S. de Copacabana, qual das três alternativas preferiria?

De fato, não perdeu o emprego. Ao contrário, naquela semana, um grande amigo seu na organização tornou-se diretor de pesquisa e, provavelmente, iria chamá-lo para uma posição melhor que a atual. Depois veio o resultado da biópsia: negativo!

Agora, só restava a infidelidade. Não quis falar diretamente com a mulher. Afinal, não tinha provas. Apenas alguém tinha deixado um bilhete em sua mesa de trabalho, alertando-o. Pensou em contratar um detetive, destes que põem anúncio no jornal. Resistiu à ideia porque se sentiria ridículo. Resolveu não se incomodar com as suspeitas e, naquela mesma noite, convidou a mulher para passarem um fim de semana em Buenos Aires. Ela disse que seria bom. Ele se sentiu desconfortável, porque sentiu uma ironia no jeito da mulher.

Na noite do dia seguinte, depois do jantar, quando assistiam ao Jornal Nacional, ela disse que queria o divórcio.

72. Limites ao bom-senso

Eu sou ela, a esposa. Estou, realmente, grávida, e o pai não é o meu marido, como lhe foi dito no bilhete. Quem lhe enviou o bilhete fui eu mesma, em um assomo de sinceridade e de ódio, porque há muito tempo lhe quero muito mal. Casei obrigada, submetida, com medo de ficar só, de ficar encalhada, e vi nele o homem que me poderia dar outra vida. Percebi logo o meu erro. Ele não me amava como eu gostaria de ser amada, nem eu gostava de sua pele, de seu cheiro, de seu hálito, de sua conversa. Esta lista é infinita. No terceiro mês do casamento, arrumei o primeiro de uma longa série de homens fora do casamento. Há poucos meses, eu parei com esta promiscuidade, com este exagero, que me obrigava a mentir em casa sem parar e fingir o tempo todo. Tinha, também, perdido qualquer compostura. Todo homem que eu desejava – em qualquer lugar – eu tinha de possuir. Acho que me transformei em uma espécie de Don Juan, porque tão logo eu os tinha conquistado, perdia qualquer vontade de vê-los de novo.

Até que encontrei Antônio, amigo de meu irmão, mergulhador profissional, poeta, com livros publicados na Inglaterra e na França. Ele tem trinta e cinco anos, exatamente cinco a mais que eu, e parece perfeito. Gosto dele de todos os modos, e nunca imaginei que poderia amar alguém como ele. O único problema – e é um velho

problema, conforme me contou –, são seus surtos de impotência, que duram de um dia a três meses, durante os quais sente nojo do contato sexual, dos órgãos sexuais, das palavras do vocabulário sexual. Mas, graças aos céus, ele vê que comigo é diferente. Mesmo que não seja capaz de me penetrar, continua sentindo uma forte atração e é capaz de dizer palavras sexuais.

Com Antônio terei meu filho, e ele me prometeu que irá casar-se comigo se conseguir vencer a impotência. Para tratar disso acaba de receber, pelo correio, um kit especial vendido na televisão, que promete tudo resolver ou dar o dinheiro de volta. É um longo tubo de ensaio de um vidro muito pesado, no qual é introduzido o pênis, que deve ser inteiramente coberto com uma calda de chocolate morna e, depois, a partir de uma bomba, ali é lançado um ar com sabor de menta. Há dois dias que minha vida se tornou um bombear constante. Não pensem que é uma ato de caridade. Tenho esperança de que agora o problema será resolvido. E as declarações nos papéis que acompanham o aparelho serviram para me dar fé, e depois para fortalecê-la. Lá está dito que o presidente Mitterand teria recomendado o aparelho a um de seus ministros e o formidável efeito fez com que o ministério passasse a chamar-se particularmente de ministério do capacitador. Agora, é obvio, mas havia esquecido de dizer, que o nome do aparelho é “Capacitor”.

73. A festa comemora

74. Naves de angústia

75. O belo não se quer belo

76. Nada disto demais

77. Ouvir não basta

78. Leitos abandonados no meio da noite

79. Antes de falar, breve resenha

80. Avançando pela carne adentro

81. Sintomas de falsificação

82. Notas amanteigadas

83. Temas distantes do saber

84. Vitórias nunca lembradas porque não obtidas

85. **Mínimas considerações**
86. **Antes de chegar ao vendaval**
87. **Artérias na mesa de jantar**
88. **A santidade não foi revelada**
89. **Nunca permitir abusos do malquerer**
90. **Lamento informar errado**
91. **Quintessências de saber amargo**
92. **Loucura de bebês**
93. **Nunca notaram o erro**
94. **O sol não é um disco imóvel**
95. **Grades perfeitas para fugir**
96. **Novos minutos acrescentados ao dia**
97. **Ninguém colabora com o tédio**
98. **Jantar e depois desaparecer**

99. Sentimentos com atraso

Um estabelecimento comercial não pode ser considerado honesto se o seu dono fica na parte de trás, vestido de enfermeira e tremendo de medo de ser assaltado. Cada freguês que ali entra consegue perceber o tipo de drama que está se desenrolando e que a morte pode estar sendo desejada.

O uniforme de enfermeira pertence à mulher do dono da loja, que pretende, desta maneira, despistar o assaltante, o que é, sem dúvida, infantil e ridículo. É claro que o assaltante imediatamente perceberá o logro. Ou, talvez, nem perceba, porque estará nervoso e até com medo.

Em casa, a esposa procura o uniforme para ir ao trabalho e não consegue achá-lo. Não desconfia de que o marido o levou para a loja. Mas há na cabeça dela uma ideia que considera muito estranha. Há mais de seis meses que vêm sumindo peças de sua roupa íntima, e tem certeza de que não foi a empregada. De relance passa-lhe pela cabeça que o marido tem a ver com isto.

Muitos anos atrás, lera em uma revista que um conhecido cientista inglês, já passado dos sessenta, começou a vestir-se de mulher e, assim vestido, saía por todos os cantos com sua mulher, que aceitou naturalmente a coisa.

Na loja, ele começa a sentir-se, realmente, confortável com o uniforme e começa a perceber que o possível assalto tinha lá sua importância, mas era principalmente uma justificativa para pôr essa roupa, em que se sentia muito bem.